



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LETRAS/LÍNGUA ESPANHOLA**

ELIZABETH CORDEIRO OLIVEIRA

CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU): UMA TRADUÇÃO COMENTADA

**MONTEIRO-PB
2019**

ELIZABETH CORDEIRO OLIVEIRA

CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU): UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Espanhola.
Área de concentração: Tradução.

Orientadora: Prof. ^a Ma. Amanda da Silva Prata.

**MONTEIRO-PB
2019**

O48c Oliveira, Elizabeth Cordeiro.
Ciço (Da vez que ele chorou) [manuscrito] : uma tradução comentada / Elizabeth Cordeiro Oliveira. - 2019.
25 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Amanda da Silva Prata ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Ciço de Luzia (Romance). 2. Tradução de textos literários. 3. Tradução estrangeirizadora. 4. Tradução domesticadora. 5. Estudos de tradução. I. Título
21. ed. CDD 418.02

ELIZABETH CORDEIRO OLIVEIRA

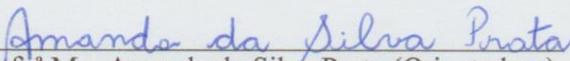
CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU): UMA TRADUÇÃO COMENTADA

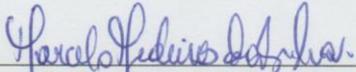
Artigo apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras/ Língua Espanhola.

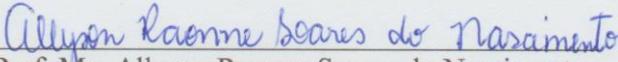
Área de concentração: Tradução.

Aprovada em: 17/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ma. Amanda da Silva Prata (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Allyson Raonne Soares do Nascimento
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

À minha filha Maria Luíza Cordeiro Alves, pois estou concluindo este curso por ela e para ela, minha maior motivação para eu continuar e alcançar todos os objetivos em minha vida, a ela DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por ter me dado a vida, saúde, paciência e a luz do saber para que eu conseguisse chegar até aqui.

À professora Amanda Prata pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela paciência comigo durante todos esses anos diante de tantas desistências, e por aceitar, aos 45 minutos do segundo tempo, continuar a ser minha orientadora.

Aos meus pais Roberto Brito e Socorro Cordeiro, pelos seus esforços para me dar uma educação digna de acordo com suas condições, em especial à minha mãe, que mesmo com tantas desistências minhas, nunca me criticou, sempre me incentivou e acreditou em mim.

À minha irmã, Elisângela Cordeiro, por estar sempre presente em minha vida, me apoiando, dando puxões de orelha, mas sempre me incentivando a seguir em frente.

Ao meu companheiro, Damião Alves, que desde o início do curso acompanha toda a minha luta para conseguir defender esse TCC e ter meu curso superior.

Aos amigos Anderson Oliveira, que sempre me deu forças quando mais precisei, sempre me incentivando e acreditando nos meus esforços e Efigênio Moura, por me permitir fazer a tradução de um capítulo de sua obra, *Ciço de Luzia*, e usar em meu Trabalho de Conclusão de Curso, e por me dar conselhos sempre que preciso em tudo na minha vida.

À UEPB, com a qual tenho uma ligação desde os meus 4 anos de idade, onde, entre os anos de 1991 a 1993, estudei e fui alfabetizada na Creche Escola UEPB, na cidade de Campina Grande – PB, e hoje concluo meu curso superior no Campus VI desta instituição, Poeta Pinto do Monteiro.

Aos colegas de curso, pelos bons momentos vividos durante a graduação.

Ao nosso querido Ex Presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, que através do seu governo fez com que a universidade chegasse ao interior, para que os filhos de pobres pudessem fazer um curso superior sem precisar se deslocar para outras cidades.

A Allyson Raonne, que foi meu colega de curso, por aceitar participar da banca examinadora, assim como ao professor Marcelo Medeiros.

E a todos que torceram por mim até hoje.

“Há quem diga que tudo se traduz: tudo quanto se deixa expressar em uma língua pode ser expresso em qualquer outra. E há quem diga que nada se traduz, e que umas tantas coisas não podem ser ditas nem na própria língua da gente, quanto mais passada de uma língua para outra.”

GEIR CAMPOS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A TRADUÇÃO E O TRADUTOR	9
2.1 TRADUÇÃO: BREVE HISTÓRICO	9
2.2 CATEGORIAS DE TRADUÇÃO, PRINCÍPIOS DO TRADUTOR E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA	12
2.3 A TRADUÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO: DOMESTICAÇÃO X ESTRANGEIRIZAÇÃO	15
3 METODOLOGIA	16
4 TRADUÇÃO COMENTADA DO PRIMEIRO CAPÍTULO DA OBRA <i>CIÇO DE LUZIA: CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU)</i>, DE EFIGÊNIO MOURA	17
4.1 A OBRA <i>CIÇO DE LUZIA</i>	17
4.2 O AUTOR.....	18
4.3 A TRADUÇÃO COMENTADA.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU): UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Elizabeth Cordeiro Oliveira*

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é apresentar a tradução do português para o espanhol, que fizemos do primeiro capítulo da obra *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura, e comentá-la. A tradução de texto literário não é uma atividade simples, pois esse tipo de texto apresenta muitos termos que são específicos da cultura que o produziu. Ao realizar este tipo de tradução, o tradutor pode lançar mão da domesticação, aproximando o texto da língua e da cultura alvo, ou da estrangeirização, preservando termos e expressões do texto original. Buscamos, ao realizar a tradução do capítulo selecionado, comentar em que momentos surgiram as principais dificuldades e que estratégia foi adotada: a domesticação ou a estrangeirização. Metodologicamente, dentro dos Estudos de Tradução, esta é uma investigação pura, descritiva e orientada ao processo. Utilizamos como base teórica, principalmente, os estudos de Oustinoff (2011); Bassnett (2005); Rónai (1981) e Sousa (2016). Ao longo da tradução, realizamos mais domesticações do que estrangeirizações. Concluimos que, embora o excesso de domesticações possa apagar a originalidade linguística e cultural da obra, reconhecemos que elas são, ao mesmo tempo, necessárias para que a narrativa traduzida possa ser lida sem que haja uma exacerbada dificuldade, por parte do leitor alvo, na recepção da obra.

Palavras-Chave: Texto Literário. *Ciço de Luzia*. Tradução Comentada.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela área da Tradução surgiu durante a graduação, quando cursamos a única disciplina de Tradução presente no currículo do curso de Letras. Desde então, as leituras sobre a prática da tradução se tornaram constantes, o interesse despertado contribuiu para o desenvolvimento deste artigo.

Considerando o tradutor como um mediador cultural, visto que não apenas traduz e interpreta, mas possibilita a interação entre pessoas de diferentes culturas, nos interessamos por compreender como se dá o seu trabalho e, principalmente, quando se trata de traduzir textos literários, tendo em vista que este tipo de texto apresenta uma grande quantidade de palavras próprias da cultura em que se produz e, considerando este contexto de tradução, passamos a refletir sobre as possíveis estratégias utilizadas por tradutores ao realizar a tradução deste tipo de texto. Esta reflexão contribuiu para que buscássemos realizar a

* Aluna da Graduação em Letras/ Língua Espanhola, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VI. E-mail: bethycordeiro@gmail.com.

tradução de um trecho de uma obra literária, na tentativa de tentar entender como se dá o processo tradutório na prática.

Para a realização deste estudo, definimos como objetivos:

Geral: Comentar a tradução do primeiro capítulo da obra *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura.

Específicos: apresentar alguns aspectos da história da tradução e do trabalho do tradutor; identificar os momentos de dificuldade durante o processo de tradução do capítulo *Ciço (da vez que ele chorou)* e apontar como ocorrem, na tradução realizada, a domesticação e a estrangeirização de alguns termos.

O primeiro passo foi a escolha da obra a ser traduzida, decidimos pela obra *Ciço de Luzia*, do autor Efigênio Moura, considerando o tempo que tínhamos para realizar a tradução, optamos por traduzir apenas o primeiro capítulo do livro, cujo título é *Ciço (da vez que ele chorou)*. A escolha dessa obra se justifica pelo fato de apresentar uma narrativa que se ambienta no cariri paraibano, região em que vivemos, e por apresentar termos muito próprios desta região, contendo os falares típicos do povo caririzeiro, o que nos pareceu bastante desafiador para a realização da tradução; além disso, o autor, Efigênio Moura, é nosso conhecido, o que possibilitaria a troca de informações, caso surgisse alguma dúvida sobre a narrativa ao longo do processo de tradução. Optamos por apresentar uma tradução comentada, de modo que pudéssemos compartilhar as dificuldades encontradas durante a atividade de tradução.

Metodologicamente, dentro dos Estudos da Tradução, Holmes (1988) divide os estudos descritivos, como é o caso deste, em três categorias: orientados pelo produto, orientados pela função e orientados pelo processo. Este é um estudo descritivo, já que busca analisar, por meio da descrição, a relação entre a língua fonte e a língua alvo, bem como entre a cultura fonte e a cultura alvo; a análise é orientada pelo processo, porque são relatadas questões relacionadas ao processo da tradução realizado por nós.

2 A TRADUÇÃO E O TRADUTOR

Nesta seção discutiremos questões relacionadas à história e aos tipos da tradução, bem como sobre os princípios e a competência do tradutor; por fim, destacamos algumas particularidades da tradução de texto literário, nosso *corpus* de análise.

2.1 TRADUÇÃO: BREVE HISTÓRICO

Não podemos falar de tradução sem mencionar a torre de Babel. De acordo com o compêndio Ethnologue, o maior inventário de língua no planeta, atualmente se falam 6.912 idiomas no mundo. Oustinoff (2011) menciona que a torre de Babel constitui a figura emblemática desses idiomas. Em uma passagem da Bíblia no livro do Gênesis (11,6-9) se observa o seguinte relato:

E disse o Senhor:

– Essa gente é um povo só e todos falam uma só língua. Isso que eles estão fazendo é apenas o começo. Logo serão capazes de fazer o que quiserem. Vamos descer e atrapalhar a língua que eles falam, a fim de que um não entenda o que o outro está dizendo. Assim, o Senhor os espalhou pelo mundo inteiro, e eles pararam de construir a cidade.

A cidade recebeu o nome de Babel, pois ali o Senhor atrapalhou a língua falada por todos os moradores da terra e dali os espalhou pelo mundo inteiro.

A Torre de Babel é um mito utilizado para explicar a origem dos diversos idiomas existentes. De acordo com o livro do Gênesis, todos os habitantes da Terra falavam uma só língua e, ao migrarem do oriente, alguns homens se estabeleceram em uma planície na terra de Senaar e decidiram que ali construiriam uma cidade e uma torre que chegasse até o céu. Então, o Senhor percebendo que os homens poderiam fazer qualquer coisa a que se propusessem, resolveu descer até a suposta cidade e confundir a língua deles, para que não mais pudessem entender uns aos outros, em seguida, o Senhor os dispersou por toda a superfície terrestre e a construção da cidade foi interrompida, por este motivo, o lugar recebeu o nome de Babel, que significa confusão, porque foi lá que o Senhor confundiu a língua dos homens e fez com que se espalhassem por toda a Terra.

A figura a seguir, uma pintura de Pieter Brueghel, também conhecido como “o velho”, um dos melhores pintores flamengos do século XVI, ilustra a construção da Torre de Babel:

Figura 1- Torre de Babel, de Pieter Brueghel



Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel#/media/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_\(Vienna\)_-Google_Art_Project_-_edited.jpg](https://es.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel#/media/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_(Vienna)_-Google_Art_Project_-_edited.jpg)

De acordo com Oustinoff (2011), sendo ou não crente, é impossível falar em tradução sem mencionar ou levar em consideração os textos bíblicos, o autor também destaca que estes textos foram os mais traduzidos ao longo da história da humanidade. Segundo ele, a Bíblia já foi traduzida em mais de 2.200 (duas mil e duzentas) línguas, já de acordo com a Sociedade Bíblica Brasileira, a Bíblia está traduzida em 2.935 idiomas. Não existe texto algum que tenha tantas traduções.

É a partir das traduções da Bíblia que surgem três dados fundamentais acerca do ato tradutório (OUSTINOFF, 2011):

- i) Traduzimos porque o texto original não é compreendido;
- ii) O segundo aspecto é a questão da língua. Traduzir do hebraico para o grego não é a mesma coisa que traduzir do Espanhol para o Português, por exemplo, porque o primeiro par linguístico não pertence à mesma família, enquanto o segundo sim, de modo que a tradução, no primeiro caso, se torna mais complexa.
- iii) A pluralidade de versões pode ser observada quando se compara uma tradução à outra(s). Vejamos alguns exemplos citados por Oustinoff (2011):

Tradução do rabinato francês, sob a direção de Zadoc Kahn (1899):

“Aqueles que reverenciam ídolos mentirosos fazem pouco de sua salvação.” (OUSTINOFF, 2011, p. 14)

Tradução de Louis Segond (1910):

“Aqueles que se apegam a ídolos vão afastam de si a misericórdia.” (OUSTINOFF, 2011, p. 14- 15)

Tradução dirigida por Édouard Dhorne, para “La Pléiade” (1969):
 “*Aqueles que reverenciam os ídolos vãos, abandonam sua piedade.*” (OUSTINOFF, 2011, p. 15)

As variações impressionam e, segundo Oustinoff (2011), diante delas podemos adotar diferentes posturas como: concluir que as línguas são radicalmente intraduzíveis, os muçulmanos, por exemplo, acreditam que o Corão ou Al Corão não deveria ser traduzido, é imprescindível lê-lo na língua original; podemos também concluir pela intraduzibilidade relativa das línguas, assim, traduzir implicaria necessariamente em trair, concordando com o adágio italiano *traduttore, traditore* (tradutor, traidor). Por este prisma, a tradução seria um mal menor, uma vez que leva o texto àqueles leitores que não conhecem o idioma original, porém, o original continua sendo considerado superior a qualquer tradução; uma terceira postura seria enxergar a diversidade das línguas como um fator positivo, pois, graças a esta diversidade, podemos ter diferentes apresentações de um mesmo texto, como acontece com a Bíblia.

Não podemos deixar de destacar que os tradutores da Bíblia foram perseguidos por muito tempo, pois traduzir textos sagrados requeria muito cuidado, para que os preceitos religiosos não se perdessem ao longo do percurso da tradução.

A respeito da história da tradução, George Steiner, citado por Bassnett (2005), a dividiu em quatro períodos, a saber:

- i) O primeiro período fala sobre as afirmações e teorias sobre a tradução que são resultado direto de sua prática, que vai das afirmações de Cícero e Horácio sobre tradução até a publicação de Alexander Fraser Tytler, em 1791, (*Essay on the Principles of Translation*).
- ii) O segundo período se estende até a publicação, em 1946, de *Sous l'invocation*, de Saint Jérôme, que caracteriza um período de pesquisa e teoria hermenêutica, com desenvolvimento de vocabulário e metodologia.
- iii) O terceiro período começa com a publicação dos primeiros trabalhos sobre tradução por computador, em 1940;
- iv) O quarto período teve início em 1960, caracterizado por “uma volta às pesquisas hermenêuticas, quase metafísicas, sobre tradução e interpretação”. (BASSNETT, 2005, p. 63-64)

Segundo Oustinoff (2011, p. 39), “[...] as fronteiras entre imitação, tradução e adaptação variam conforme as épocas. A ‘infidelidade’ é, então, uma noção absolutamente relativa”. O autor afirma que, no Renascimento, a apropriação de textos era recorrente, de modo que as pessoas se apropriavam de obras alheias sem o menor pudor, fosse simplesmente

para assumir sua autoria ou para transformá-las arbitrariamente, sendo assim, não havia uma barreira tão nítida entre original e tradução, autor e tradutor, como temos nos dias atuais e o termo plágio[†] só passou a ter um sentido pejorativo a partir do século XVIII.

A seguir, destacamos os tipos de tradução e suas características.

2.2 CATEGORIAS DE TRADUÇÃO, PRINCÍPIOS DO TRADUTOR E COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

A definição de tradução como um ato em que palavras de uma língua são substituídas por palavras de outra língua é limitada, “traduzir não se limita a ser o instrumento de comunicação e de informação de uma língua a outra [...]” (MESCHONNIC, 2010, p. 22). A tradução de uma língua a outra é uma das possíveis formas de traduzir, também conhecida como tradução propriamente dita, mas há outros dois tipos de tradução. De acordo com Jakobson (2000), podemos distinguir três categorias de tradução que são: interlingual, intralingual e intersemiótica.

A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais em outra língua, assim, ao traduzir um texto do Espanhol para o Português, ou vice-versa, o tradutor estará fazendo uma tradução deste tipo.

A tradução intralingual consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais, na mesma língua, ou seja, quando explicamos a uma criança um termo complexo utilizando algum sinônimo para que ela possa compreender, estamos realizando uma tradução intralingual.

A tradução intersemiótica consiste em uma interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais, e vice-versa. Este tipo de tradução é feito quando uma obra literária é adaptada para o cinema, para a TV ou para o teatro, ou vice-versa, por exemplo.

Um dos primeiros escritores a formular uma teoria da tradução foi o humanista francês Etienne Dolet, julgado e executado por heresia por “traduzir mal” um dos diálogos de Platão. (BASSNETT, 2005)

Dolet publicou um breve artigo em, 1540, e estabeleceu seis princípios para o tradutor:

- a) É imprescindível que o tradutor entenda completamente o sentido e o significado do autor original.

[†] Plágio: significa copiar ou assinar uma obra com partes ou totalmente reproduzida de outra pessoa, dizendo que é sua própria.

- b) É necessário que o tradutor domine perfeitamente tanto a LF (língua fonte) quanto a LM (língua meta).
- c) O tradutor deve evitar a tradução palavra-por-palavra.
- d) O tradutor deve usar formas de discurso de uso corrente.
- e) O tradutor deve saber escolher e ordenar as palavras adequadamente, para expressar o tom correto.
- f) O tradutor é muito mais do que um linguista competente, e a tradução envolve não apenas uma apreciação acadêmica e sensível do texto em LF (língua fonte), mas também a noção do lugar que se deseja que a tradução ocupe no sistema da LM (língua meta). (BASSNETT, 2005, p. 77)

Para que cumpra com a sua função da melhor forma possível, é necessário que o tradutor disponha de tempo para traduzir, pois assim poderá pesquisar e resolver os problemas que podem surgir ao longo do trabalho. É preciso que tenha tempo para estudar, caso ainda não conheça, as características culturais e históricas do lugar em que vive o público a que se destina a tradução, por isso, a dedicação, somada ao tempo, é um outro fator essencial para que a tradução ocorra e seja feita da melhor forma possível. Em muitas ocasiões, o tradutor precisa realizar adaptações no texto, pois alguns termos não existem na língua alvo, de modo que se faz necessário que o tradutor investigue que termo ou expressão melhor se aproxima do original, mas, como nem sempre é possível preservar a originalidade, pois há termos ou expressões muito típicas de determinada cultura, o tradutor corre o risco de ser considerado um traidor, porém, como já destacamos anteriormente, a noção de fidelidade é relativa e varia de acordo com a época, de modo que, atualmente, se reconhece que as adaptações que necessita fazer não fazem do tradutor necessariamente um “traidor”, uma vez que em muitos casos sua intenção é a de levar ao leitor um texto que possa ser compreendido e que não soe estranho para ele.

Um outro fator importante para o trabalho do tradutor é a competência tradutória, definida por Zabalbeascoa (2000, p. 4), como “*aquellas cualidades que tiene una persona que le permiten traducir*” (aquelas qualidades que tem uma pessoa e que lhe permitem traduzir). Estas qualidades não são natas, elas podem ser trabalhadas ao longo da vida, pois, assim como ninguém nasce sabendo andar, ninguém nasce sabendo traduzir, é algo que se aprende e que pode ser aprimorado.

Para traduzir algo, o tradutor deve ter um bom conhecimento da língua fonte, também chamada de língua de origem; além disso, é imprescindível que tenha conhecimento não só sobre a língua para a qual está traduzindo, chamada de língua meta ou língua alvo, mas também sobre a cultura do (s) país (es) que utiliza (m) este idioma. É importante que conheça costumes, valores e crenças que estão relacionados aos povos que falam esta língua. Dependendo do tipo de texto que se traduz, também pode ser necessário que o tradutor tenha

conhecimento de uma linguagem técnica, porque, por exemplo, para traduzir um texto jurídico é necessário conhecer termos próprios da área jurídica, assim como para traduzir um texto da área da saúde seria necessário o domínio de um vocabulário específico desta área.

O tradutor, assim como tantos outros profissionais, deve cuidar da sua mente, ter confiança naquilo que faz, ter atenção e uma boa memória. A capacidade de manter boas relações também não deixa de ser importante para o caso de ter que trabalhar em grupo, com outros profissionais do ramo, ou mesmo para lidar com os clientes. Além disso, o manejo de dicionários e a capacidade de fazer pesquisas precisas utilizando a Internet são competências necessárias para o trabalho de tradução.

Como podemos observar, exige-se muito do tradutor e muitas vezes o seu trabalho é desvalorizado, por isso Rónai (1981) questiona:

Mas não é exigência demais em se tratando de ofício comumente mal pago e pouco prestigiado? No **Barbeiro de Sevilha**, Fígaro perguntava ao seu amo: **“Aux vertus qu’on exige d’un domestique, votre Excellence connaît-elle beaucoup de maîtres qui fussent dignes d’être valets?”**[‡] Parodiando esta frase, podemos perguntar: “A considerar as virtudes que se pede a um tradutor, haverá muitos escritores que fossem dignos de ser tradutores? (RÓNAI, 1981, p. 13)

Como destaca Rónai, são muitas as exigências que se fazem ao tradutor e a remuneração pelo seu trabalho nem sempre condiz com essa quantidade de exigências, porém, o autor também destaca que provavelmente os tradutores têm outros tipos de compensações, que não financeiras, já que tantos se dedicaram a verter obras para outros idiomas.

Em uma de suas declarações, Champman, citado por Bassnett (2005), diz que o trabalho de um tradutor competente e habilidoso é observar as sentenças, figuras de linguagem e expressões propostas por seu autor e, a partir disso, buscar sentenças, figuras de linguagem e expressões condizentes com o original na língua meta ou alvo. Ele ainda diz que o tradutor deve:

- a) Evitar a tradução palavra- por- palavra;
- b) Procurar compreender o “espírito” do original;
- c) Evitar traduções muito livres, baseando o seu trabalho em uma investigação acadêmica consistente de outras versões e listas de palavras. (BASSNETT, 2005, p. 78)

[‡] Para as virtudes exigidas de uma doméstica, Vossa Excelência sabe que muitos professores seriam dignos de ser criados? (Tradução nossa)

Na visão de Anne Cluysenaar, citada por Bassnett (2005), o tradutor não deve trabalhar com princípios gerais quando determina o que preservar ou tornar paralelo ao texto na língua fonte, mas trabalhar observando “cada estrutura individual, se em prosa ou verso”, pois cada estrutura enfatizará certos(as) características ou níveis linguísticos em detrimento de outros.

O(a) tradutor(a) é primeiro um leitor e depois um (a) escritor (a) e, no processo de leitura, precisa tomar uma posição. Por isso, seria pouco inteligente argumentar que a tarefa do tradutor é traduzir, mas não interpretar, como se estes fossem dois exercícios separados.

2.3 A TRADUÇÃO DE TEXTO LITERÁRIO: DOMESTICAÇÃO X ESTRANGEIRIZAÇÃO

A tradução de texto literário não é uma atividade simples, pois esse tipo de texto apresenta muitos termos que são específicos da cultura em que foi produzida. Assim, a tradução literária apresenta dificuldades para o tradutor, quando é necessário que sejam traduzidas palavras ou expressões próprias de alguma cultura. De acordo com Guerra (2012), citado por Sousa (2016):

Algumas palavras ou frases denotando objetos, fatos, fenômenos, etc. São tão profundamente enraizados em sua cultura fonte e tão específicos (e talvez exclusivos ou únicos) para a cultura que os produziu, que eles não possuem equivalente na cultura alvo, seja por que eles são desconhecidos ou por que ainda não foram codificados naquela língua (GUERRA, 2012, p. 1, citado por SOUSA, 2016, p. 26)

Como se observa, há termos que são de difícil tradução, por não possuírem equivalente na cultura alvo, por isso, é necessário que o tradutor seja não apenas bilíngue, mas também bicultural, para que possa encontrar a melhor solução ao deparar-se com estes casos.

Termos culturais muitas vezes são considerados intraduzíveis, pois, em muitos casos, é difícil que o leitor estrangeiro vivencie a mesma experiência que o leitor nativo. Diante da dificuldade de traduzir palavras ou expressões próprias de alguma cultura, o tradutor pode lançar mão de duas estratégias: a domesticação ou a estrangeirização. A primeira consiste em aproximar o texto da cultura alvo, substituindo termos ou expressões por outros conhecidos na língua para a qual se traduz, deste modo, a tradução apaga as características da cultura fonte ou original; a segunda consiste em manter o texto mais próximo da cultura fonte, o que pode causar um estranhamento no leitor pertencente à cultura alvo.

É preciso que o tradutor seja sensato e cuidadoso durante o processo de tradução, pois, caso muitos termos permaneçam estrangeirizados, a tradução pode ser rejeitada pelo leitor da cultura alvo, uma vez que poderá não se identificar com boa parte do texto, por outro lado, a exagerada domesticação também pode ser perigosa, como aponta Sousa (2016)

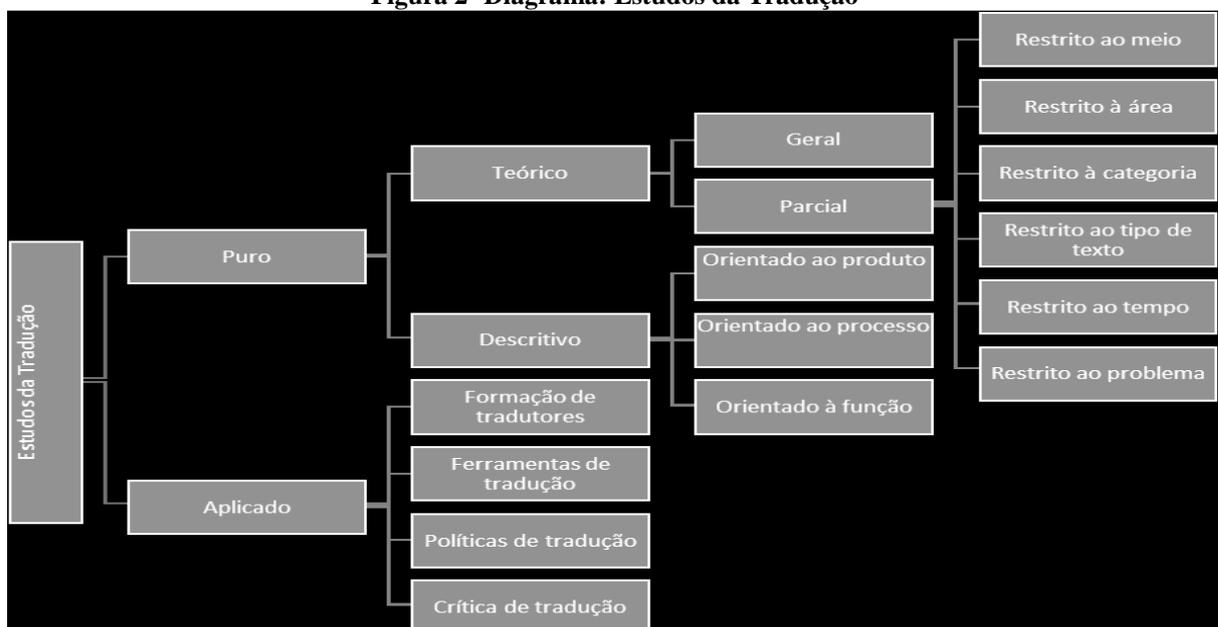
É necessário, porém, que a tradução preze por não se distanciar da obra original, que o contexto e situações apresentados sejam levados à cultura alvo sempre que possível. Uma tradução que domestica variados aspectos do texto pode fazer com que ele perca sua identidade, imprimindo no texto traços que não são de fato da cultura fonte. (SOUSA, 2016, p. 35)

Como se observa, a domesticação em larga escala pode apagar a essência do texto original, o que também não é adequado, visto que as particularidades que caracterizam o texto fonte se perdem, retirando a sua originalidade.

3 METODOLOGIA

O diagrama apresentado abaixo ilustra a classificação deste estudo, que é puro, pois busca apresentar contribuições para conhecimentos já existentes, com o objetivo de entender como ocorre determinado fenômeno, buscando atualizar estudos já feitos. Dentro dos estudos puros, encontramos investigações teóricas e descritivas, esta é uma investigação descritiva, pois objetiva descrever o processo de tradução realizado. Por fim, é um estudo orientado ao processo, visto que nos voltamos para o processo de tradução, comentando-o.

Figura 2- Diagrama: Estudos da Tradução



Fonte: Baseado no Mapa de Holmes, 1988 (citado por CHESTERMAN, 2014).

Optamos por dividir o texto que compõe o primeiro capítulo da obra *Ciço de Luzia* em quatro tabelas que se apresentam abaixo. Cada tabela apresenta o excerto do texto original, a tradução e os comentários a respeito do processo tradutório.

4 TRADUÇÃO COMENTADA DO PRIMEIRO CAPÍTULO DA OBRA *CIÇO DE LUZIA: CIÇO (DA VEZ QUE ELE CHOROU)*, DE EFIGÊNIO MOURA.

4.1 A OBRA *CIÇO DE LUZIA*

Ciço de Luzia é uma obra de Efigênio Moura, escrita no ano de 2010 em Monteiro-PB, e foi adotada no vestibular da UEPB em 2013. A mesma está sendo traduzida para o inglês e seu primeiro capítulo foi utilizado como *corpus* para nossa análise.

Ciço, que herdou o nome do Padre Cícero, é um jovem vaqueiro filho de Santana e Chico Romão, que se apaixonou por Luzia, filha do dono da Fazenda Macaxeira na qual trabalhava.

Esse romance nordestino acontece nos anos 70, no Cariri paraibano, especificamente em Monteiro, Zabelê e Camalaú.

Uma história fictícia que mostra que é possível o amor de um vaqueiro pela filha do patrão. E que por esse amor tudo vale a pena.

Além dos protagonistas da obra, há outros personagens que se destacam como: Galego Galdino, casado com Ana Clara e pai de Tôco, Pitôco e Catôco, que veio fugido de Sertânia-PE, por ter dado uma peixeirada em um homem que mexeu com sua mãe (já falecida); Seu Zé Vando e Dona Judith, pais de Luzia; além de Dona Jesuína, avó de Luzia, que sempre lhe dava conselhos sobre a vida e o amor; e Sabida (cachorra de estimação e amiga fiel de Ciço). Além de outros personagens que participam direta ou indiretamente da narrativa.

4.2 O AUTOR

José Efigênio Eloi Moura nasceu na cidade de Monteiro- PB, no dia 19 de março de 1965, filho de José Maria Duarte Moura e Irece Eloi Moura, neto do poeta e radialista Efigênio Teixeira de Moura. É formado em Marketing, é também radialista e escritor. Atualmente, trabalha como assessor de marketing da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Efigênio Moura, como é mais conhecido, tem várias obras publicadas como: *Eita Gota! – Uma viagem paraibana* (1ª ed. 2009), *Ciço de Luzia* (1ª ed. 2010), *Santana do Congo* (2013), *Caderneta de Fiado* (2015), *Apurado de contos* (2017), e a trilogia Pedro Jeremias que já tem duas publicações: *Pedro Jeremias* (2017) e *Pedro Jeremias –Dentro dos Cariris Velhos* (2019).

Efigênio Moura tem uma paixão enorme por sua cidade natal e, apesar de morar em Campina Grande- PB, seu maior sonho é viver em Monteiro- PB, terra onde nasceu e que serve de inspiração para suas obras.

4.3 A TRADUÇÃO COMENTADA

De acordo com Zavaglia (2015), a tradução comentada é um gênero que expõe o caminho percorrido ao longo da tradução, podendo apresentar as dúvidas do tradutor, as escolhas feitas, os referenciais teóricos que embasaram estas escolhas, as justificativas para determinadas estratégias, o contexto de produção da obra e o seu autor, entre outros. Segundo a autora, este é um exercício pedagógico, uma vez que, ao registrar o processo de tradução, o tradutor reflete sobre suas ações e questiona a si mesmo buscando compreender suas dificuldades e encontrar um modo de resolver os problemas encontrados.

Sobre o gênero “tradução comentada”, a autora destaca que:

Williams e Chesterman, em sua obra *The Map*, no item “Areas in Translation Research” e no subitem “Texts Analysis and Translation”, trazem *translation with commentary* e *annotated translation* como formas de nomear esse mesmo gênero textual. Segundo os autores, “uma tradução com comentários (ou tradução anotada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução”. Nesta citação, “tradução com comentários” é tratada como sinônimo de “tradução anotada”, que aparece entre parênteses como uma explicação. Os autores acrescentam que os comentários apresentados pelo tradutor podem aparecer de diferentes formas, dentre as quais discussões sobre a tarefa de traduzir, análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito ou ainda justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório. Isto é, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e

alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada. (ZAVAGLIA, 2015, p. 333)

A seguir, apresentamos as quatro tabelas que contêm texto original, texto traduzido e comentários.

Tabela 1

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>Andava meio torto, meio <i>capenga</i>, como se cansado.</p> <p>Teria que haver um mínimo de lógica em tudo que o fazia se movimentar. Mas a lógica agora devolvia um silêncio que havia antes de tudo ouvir, tudo sentir, de tudo que se fosse possível naquele tudo. E ele não entendia de logica.</p> <p>O sol ardia o <i>aveloz</i>. Amarelava-o. (MOURA, 2010, p. 29)</p>	<p>Andaba medio torcido, medio cojo, como cansado.</p> <p>Tendría que haber un mínimo de lógica en todo lo que lo hacía moverse. Pero la lógica ahora devolvía un silencio que había antes de todo oír, todo sentir, de todo que se fuese posible en aquel todo. Y él no entendía de lógica.</p> <p>El sol ardía el árbol de los dedos. Le dejaba amarillo. (MOURA, 2010, p. 29)</p>
COMENTÁRIOS	
<p>Neste trecho, um termo que representou dificuldade para a tradução foi “capenga”, que é bastante típico de nossa cultura e, embora signifique manco ou coxo, é mais utilizado em nossa região como fraco ou desprezível. Traduzimos capenga por “cojo” e, por conta da dificuldade de traduzi-lo com a carga cultural que ele apresenta, domesticamos o termo, apagando o sentido que ele tem para o leitor do texto fonte.</p> <p>O aveloz” é uma planta bastante conhecida em nossa região, e é originária da África; em Língua Espanhola, há diferentes denominações para ela, como: <i>Árbol de los dedos</i>, <i>Dedito</i>, <i>Arbusto de goma</i>, <i>Árbol dedo</i>, <i>Arbusto de leche</i>, <i>Palitroque</i> o <i>Abá</i>. Optamos por traduzi-lo por “árbol de los dedos”, termo que apareceu na maior parte das pesquisas realizadas.</p>	

Tabela 2

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>Desceu de si mesmo e aproveitou a sombra. Ciço se lembrava de quando, antes de sair para a lida, rezou para seu padroeiro mais forte (aquele que lhe emprestou o nome) e pediu chuva, não chuva que todo caririzeiro de Camalaú[§] pede, mas uma chuva que se fizesse, antes do orvalho da manhã e na ausência d'água da própria chuva, escorrer pelos olhos de Luzia, uma chuva aguada, uma chuva escorrida, uma aguinha nem que fosse sozinha.</p> <p>Queria que Luzia desse por falta dele. Queria Ciço, que Luzia ao varrer o terreiro de manhãzinha, olhasse pro lado de cima da rodagem, lá por aquela curva que se enfeita de poeira e não o visse chegando.</p> <p><i>“inté parece quêê num vem hoje”</i></p> <p>Não visse ele lhe ofertando o mais florido dos olhares nem o mais branco dos sorrisos.</p> <p>(MOURA, 2010, p.29 e 30)</p>	<p>Se bajó de sí mismo y aprovechó la sombra. Cicerón se recordaba de cuando, antes de salir para el trabajo, rezó a su patrono más fuerte (aquel que le prestó el nombre) y pidió lluvia, no lluvia que todo habitante de Camalaú pide, pero una lluvia que se hiciera, antes del rocío de la mañana y en la ausencia de agua de la propia lluvia, escurrir por los ojos de Luzía, una lluvia aguada, una lluvia escorridiza, una aguüita ni que fuera sola.</p> <p>Quería que Luzía diera por falta de él. Quería Cicerón, que Luzia al barrer el terrero por la mañanita, mirara al lado de arriba del rodaje, allá por aquella curva que se adorna de polvo y no lo viera llegando.</p> <p>“Hasta parece que él no viene hoy”</p> <p>No viera él ofreciéndole la más florida de las miradas ni la más blanca de las sonrisas.</p> <p>(MOURA, 2010, p.29 e 30)</p>
COMENTÁRIO(S)	
<p>Os comentários sobre este excerto giram em torno do nome do protagonista da obra, optamos por traduzi-lo, por não haver a letra “ç” em Espanhol. Assim, <i>Ciço</i> foi substituído por <i>Cicerón</i>, nome próprio masculino que significa “homem muito eloquente, convincente”, a estratégia, neste caso, foi a de domesticar o nome do personagem, o que apaga a sua essência, porém, pensamos que manter o nome original causaria estranhamento ao leitor pertencente à cultura alvo. Quanto ao termo “caririzeiro”, por não havermos encontrado um equivalente em Espanhol, decidimos por apagá-lo, substituindo-o por habitante, porém, o nome da cidade de “Camalaú” foi mantido; a estrangeirização, neste caso, pareceu necessária para que o local citado fosse preservado, de modo que o leitor estrangeiro perceba onde a obra original foi ambientada. Quanto aos termos presentes no enunciado “<i>inté parece quêê num vem hoje</i>”, as marcas de oralidade presentes no texto original perderam sua carga cultural após a tradução, pois não conseguimos manter estas marcas, tão características do povo caririzeiro, o que provoca um apagamento de uma forma de se expressar típica de alguns falantes da língua/cultura fonte, e impede que o leitor estrangeiro tenha acesso à obra da mesma forma que o leitor nativo.</p>	

[§] Município no estado da Paraíba (Brasil), localizado na região geográfica imediata de Monteiro. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2011 sua população era estimada em 7.000 habitantes. A área territorial é de 603 km².

Tabela 3

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>Queria que Luzia, ao encostar-se no fogão de lenha, uma mão com abanador e a outra segurando a saia, não sentisse ele ajuntando as brasas que escapuliam ao cair por sobre elas, novos pedaços de gravetos.</p> <p><i>“pra mode os garranchos pegá fogo ligêro, Ciço!”</i></p> <p>Ele lembrava a explicação dada sempre e ria devagar.</p> <p>Olhou para cima e, rogado, pediu ao <i>Padrinho Ciço</i> – Ciço igualzinho a ele- que mostrasse a falta que ele fazia pros chamegos de Luzia- já que o santo deixou o povo chamá-lo de Ciço de Luzia, que ele fosse de <i>“mermo mermo, na vera”</i>, todinho de Luzia.</p> <p><i>“ninguém chama eu de Ciço de Chico Rumão não, agora é só Ciço de Luzia”.</i></p> <p>E ele respondia ao chamado quando havia, achava bom e toda vez queria uma vontade de Luzia. (MOURA, 2010, p.30)</p>	<p>Quería que Luzia, al apoyarse en la estufa de leña, una mano con abanico y la otra sosteniendo la falda, no le sintiese recogiendo las brasas que escapaban al caer sobre ellas, nuevos pedazos de palo.</p> <p>"Para que los garabatos prendan fuego rápido, Cicerón!"</p> <p>Él recordaba la explicación dada siempre y se reía despacio.</p> <p>Miró hacia arriba y, rogado, pidió al Padrino Cicerón – Cicerón igual que él – que mostrase la falta que él hacía para los cariños de Luzia – ya que el santo dejó que la gente le dijese Cicerón de Luzia, que é fuese de “verdad”, todo de Luzia.</p> <p>“Nadie me dice Cicerón de Paco Román no, ahora soy solo Cicerón de Luzia.”</p> <p>Y él respondía al llamado cuando había, creía bueno y todas las veces quería una voluntad de Luzia. (MOURA, 2010, p. 30)</p>
COMENTÁRIO(S)	
<p>Este trecho apresenta expressões bastante características da região do cariri paraibano como: <i>pra mode</i>, <i>ligêro</i>, <i>mermo</i> e <i>na vera</i>, todos estes termos foram apagados, pois não encontramos equivalentes para eles na língua fonte, assim, optamos por traduzir o texto apagando as marcas de coloquialidade. O nome Chico foi traduzido por Paco, que é um apelido para Francisco em Espanhol; optamos por também traduzir “Rumão” por “Román”, aproximando o nome da língua/cultura alvo.</p>	

Tabela 4

TEXTO ORIGINAL	TRADUÇÃO
<p>Ainda de pé, olhava cada pedaço de Cariri que se apresentava: uma estrada pequenininha que ligava Macaxeira a Zabelê**, uma cerca mal construída, uma pressa que não existia e uma visão do rosto dela que não saía de todo canto que ele espiasse.</p> <p>Resolveu descansar um pouco a provar do tempo que estava sobrando.</p> <p>Acorado, buliu no bisaco, tirou um cigarro de palha, um trinchete, um rádio de pilha, um apito pra chamar anum, abriu espaço e jogou dentro dele uma saudade danada.</p> <p>“quano eu vortá das obrigação haverá de tê um restin de dia, antes do derradêro brio do só, pra mode eu vê a <u>bichinha</u> na caçada arta da casa dela”.</p> <p>Levantou e deixou cair, junto ao pé de aveloz, a chuva que caía dos olhos seus... (MOURA, 2010, p. 30 e 31)</p>	<p>Todavía de pie, miraba cada pedazo de Cariri que se presentaba: una carretera pequeñita que conectaba Macaxeira a Zabelê, una cerca mal construida, una prisa que no existía y una visión del rostro de ella que no salía de todo canto que él mirase.</p> <p>Resolvió descansar un poco a probar del tiempo que estaba sobrando.</p> <p>En cuclillas, movió en la alforja, sacó un cigarrillo de paja, un puñal, un radio de batería, un silbido para llamar anó chico, abrió espacio y tiró dentro de él un anhelo maldito.</p> <p>"cuando vuelva de las obligaciones habrá un resto de día, antes del último brillo del Sol, para que yo mire la <u>jovencita</u> en la acera alta de su casa."</p> <p>Levantó y cayó, junto al árbol de los dedos, la lluvia que caía de sus ojos ... (MOURA, 2010, p. 30 e 31)</p>
COMENTÁRIO(S)	
<p>Neste excerto, optamos por manter os termos <i>Cariri</i>, <i>Macaxeira</i> e <i>Zabelê</i>, preservando os nomes dos lugares em que se passa a narrativa original. As palavras “buliu”, “bisaco”, “trinchete” e “danada” representaram dificuldades para a tradução, pois não foi possível traduzi-las preservando a carga cultural que apresentam no texto original. O penúltimo parágrafo, por apresentar muitas marcas de oralidade, foi de difícil tradução, deste parágrafo destacamos o termo “bichinha”, para o qual não conseguimos encontrar equivalente na língua alvo, sendo substituído por “jovencita”(jovenzinha), o que, inevitavelmente, altera o modo como o leitor da língua/cultura alvo recebe o texto</p>	

** É um município brasileiro no estado da Paraíba, localizado na região geográfica imediata de Monteiro. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano 2010 sua população foi estimada em 2.075 habitantes. A área territorial é de 109 km².

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro capítulo da obra *Ciço de Luzia* permitiu que pudéssemos observar como se dá o processo de tradução de uma obra literária que representa linguística e culturalmente o cariri paraibano. O autor, Efigênio Moura, é conhecido por divulgar a as particularidades desta região e de seu povo de forma magistral.

A principal dificuldade encontrada no processo de tradução do capítulo selecionado foi transpor para a língua alvo termos e expressões que são tipicamente caririzeiros. Ao longo da tradução, utilizamos tanto a estratégia de domesticação quanto a de estrangeirização, porém, domesticamos muito mais do que estrangeirizamos. Observamos que a predominância da domesticação de termos e expressões em detrimento da estrangeirização pode contribuir para que a tradução seja vista com desconfiança pelo leitor da língua/cultura alvo, já que este leitor pode questionar se o texto traduzido apresenta a mesma carga cultural que o original.

Vimos o quanto é difícil a tarefa da tradução literária. Para realizar este tipo de tradução é necessário que o tradutor seja um conhecedor da língua e da cultura fonte, bem como da língua e da cultura alvo, pois só assim poderá resolver os problemas que surjam da melhor forma possível.

Concluimos que, embora o excesso de domesticações possa apagar a essência linguística e cultural da obra original, reconhecemos que elas são, ao mesmo tempo, necessárias para que a obra traduzida possa ser lida sem que haja um exacerbado estranhamento por parte do leitor alvo.

CICERÓN (DE LA VEZ EN QUE ÉL LLORÓ): UNA TRADUCCIÓN COMENTADA

RESUMEN

El objetivo principal de este artículo es presentar la traducción del portugués hacia el español, que hicimos del primer capítulo de la obra *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura, y comentarla. La traducción de texto literario no es una actividad simple, pues este tipo de texto presenta muchos términos que son específicos de la cultura en que se produce. Al realizar este tipo de traducción, el traductor puede echar mano de la domesticación, aproximando el texto de la lengua y de la cultura meta, o de la extranjerización, preservando términos y expresiones del texto original. Buscamos, al realizar la traducción del capítulo seleccionado, comentar en qué momentos surgieron las principales dificultades y qué estrategia fue adoptada: la domesticación o la extranjerización. Metodológicamente, dentro de los Estudios de Traducción, esta es una investigación pura, descriptiva y orientada al proceso. Utilizamos como base teórica, principalmente, los estudios de Oustinoff (2011), Bassnett (2005), Rónai (1981) y Sousa (2016). A lo largo de la traducción, realizamos más domesticaciones que extranjerizaciones. Concluimos que, aunque el exceso de domesticaciones pueda borrar la originalidad lingüística y cultural de la obra original, reconocemos que ellas son al mismo tiempo necesarias para que la narrativa traducida pueda ser leída sin que haya una exacerbada dificultad, por parte del lector meta, en la recepción de la obra.

PALABRAS CLAVE: Texto Literario. Cicerón de Luzia. Traducción comentada.

REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. Trad. Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcelos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. Editora Brasiliense. Livro digital. 1986.

CHESTERMAN, Andrew. **O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor**. *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014. Trad. Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Avila Braga Silva.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: VENNUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. São Paulo, Perspectiva: 2010. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.

MOURA, José Efigênio Eloi. **Ciço de Luzia**. Campina Grande: Latus, 2010.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Trad. Marcos Marcionilo.

RÓNAI, Paulo. **Definições da tradução e do tradutor**. In: *A Tradução Viva*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 1-15.

SOUSA, Sheyla Mayra Araújo. **Jorge Amado em Tradução: Estrangeirização e Domesticação de termos culturais em Gabriela, Clove and Cinnamon**. Dissertação de Mestrado. UFCG, 2016.

ZABALBEASCOA, Patrick. 2000. **La didáctica de la traducción: desarrollo de la competencia traductora**. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/aproximaciones/zabalbeascoa.htm>> Acesso: 4 mar. 2019.

ZAVAGLIA, Adriana. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção**. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015.